



UMA DOR PROFUNDA DEMAIS: FORMAS DE NARRAR O LUTO, A MATERNIDADE E A IDENTIDADE EM *ESSA COISA VIVA*

The deepest pain: ways of narrating grief, motherhood, and identity in the book *Essa Coisa Viva*

Gabriel Lemos Roa¹

<https://orcid.org/0000-0002-5852-1365> 

Andre Rezende Benatti²

<https://orcid.org/0000-0001-8909-8347> 

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Campo Grande, MS. 79070-900 – ppgel.faalc@ufms.br

²Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Campo Grande, MS, Brasil. 79115-898 – pgletras@uem.br

MACIEL, Maria Esther. *Essa coisa viva*. São Paulo: Todavia, 2024.

[...] cada um se cura como pode. No entanto, as cicatrizes permanecem como vestígios do que tentamos esquecer, pois é impossível que a experiência passada emudeça para sempre. O esforço de apagar tudo tende a ser um gesto insensato e inútil, pois o veneno das coisas persiste como uma maldição. Por isso, tento me curar delas do jeito que posso. (Maciel 2024, p. 14).

Escrito por Maria Esther Maciel e publicado pela editora Todavia em 2024, *Essa coisa viva* é um romance que discorre sobre temáticas importantes para a literatura de autoria feminina contemporânea brasileira. Maciel é escritora, poeta, ensaísta, além de ser professora de teoria da literatura e literatura comparada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e também atuar como professora no programa de Pós-Graduação em teoria e história literária da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A referida autora escreveu e publicou narrativas inovadoras como *O livro dos nomes* (2008), *Literatura e animalidade* (2016), *Pequena enciclopédia de seres comuns* (2021), *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano* (2023) e, mais

recentemente, *Essa coisa viva* (2024).

A trama inicia-se e tem como pano de fundo a pandemia de Covid-19, Maria Esther Maciel utiliza o período como elemento constituinte da narrativa e tece reflexões acerca da existência humana, assim como a tentativa da narradora-personagem em encontrar um sentido para dias sombrios, de isolamento social, nos quais a memória de sua falecida mãe a revisita constantemente, implicando na escrita de cartas e em reflexões no que diz respeito à identidade de Ana Luiza. O contexto pandêmico e a expressiva quantidade de vidas perdidas evidenciam o luto exponencializado vivido pela narradora-personagem, assim como seus esforços subjetivos em voltar-se para si: “Não tenho dúvidas de que, quando a pandemia passar, se é que vai passar, tudo o que for será outra coisa. Você nem pode imaginar o que está acontecendo neste mundo que já não é mais o seu” (Maciel, 2024, p. 89). O romance também oferece críticas ao governo que vigorava no Brasil durante o período pandêmico, considerando seus feitos que marcaram e tiraram a vida de milhares de cidadãos brasileiros.

Construída de maneira fragmentada, introspectiva e poética, tecendo reflexões profundas em torno da maternidade, luto, identidade, memória, e outras questões inerentes à existência humana, a linguagem que Maciel lança mão em *Essa coisa viva* permite que quem a lê visualize as imagens construídas pela autora no decorrer da narrativa. Uma escrita poética permeada por descrições detalhadas e sensíveis ao abordar as subjetividades da narradora-personagem. A narrativa é estruturada por meio do gênero epistolar, ou seja, cartas que são escritas pela narradora-personagem, Ana Luiza, as quais (re)contam as experiências vividas com sua mãe, bem como relatam de forma aprofundada a conturbada relação entre as duas.

Ademais, em alguma medida, a linguagem utilizada por Maria Esther Maciel, também remete a elementos do surrealismo, pois em certas cenas do romance a narradora-personagem discorre sobre sonhos e experiências que, para serem compreendidas, é preciso que quem está lendo deixe de lado a lógica e a racionalidade. Ao discorrer sobre a morte de uma de suas amigas, Ana Luiza afirma ter visto o rosto de sua mãe, falecida tempos antes, ao invés do rosto de sua amiga: “[...] me aproximei do caixão de Nancy – que lá permanecia numa serenidade inquietante – e deparei com seu rosto sobreposto ao dela.” (Maciel 2024, p. 34).

O início do romance tem como marco temporal o aniversário de um ano da morte da mãe de Ana Luiza – narradora-personagem do romance. A partir daí, o enredo se desenvolve de maneira fragmentada e atemporal, registrando os esforços de uma filha que persiste em escrever cartas direcionadas à sua falecida mãe quebrando o silêncio e explorando os recônditos de um passado obscuro permeado pela dor: “Mais do que nunca, eu queria rasurar essas memórias e os sentimentos cristalizados que elas trazem, pois tudo o que pesa e se dilata para além do tempo que lhe é próprio nos impede de ficar livres desse peso” (Maciel, 2024, p. 10). Esse exercício de escrita remete ao processo de luto e suas interpelações em sua vida, escrever para dar corpo à dor, para registrar, através desse

processo, o espaço ocupado por uma ausência desmedida, e tentar narrar o que, muitas vezes, permeia a existência humana e se faz inenarrável.

O livro é dividido em quatorze partes que levam como título nomes de seres vivos e objetos que fazem parte do nosso cotidiano enquanto seres-humanos, como é o caso de: “Formigas e baratas” (Maciel, 2024, p. 9), “Cabelos, piolhos e pentes-finos” (Maciel, 2024, p. 69), e “Plantas e livros proibidos” (Maciel, 2024, p. 99). Dessa forma, é possível observar no desenvolvimento da trama as relações e conexões estabelecidas entre todos os seres vivos presentes na história. Essa entre humano e não humano já tem sido objeto de interesse em outras produções literárias de Maciel – como é o caso de *Pequena encyclopédia de seres comuns* (2021) e *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano* (2023) – na medida em que atribuem e imaginam as emoções e pensamentos que constituem a natureza enquanto vegetação, assim como seus animais. No trecho abaixo isso é possível de ser percebido pelas interconexões estabelecidas entre a narradora-personagem, os insetos, bem como a vegetação que caracteriza o seu quintal:

As mangas, naqueles dias, acho que de outubro ou novembro, estavam quase maduras, espalhadas pela árvore. E então, no meu desamparo, comecei a conversar com elas, enquanto alguns insetos pousavam nas folhas ou nos meus braços, incluindo uma borboleta errática, que parecia não saber onde estava ou para onde ir. Foi nesse dia que inventei uma história, provavelmente inspirada em algum conto de fadas, e contei para elas (Maciel, 2024, p. 20-21).

Há também no enredo construído por Maciel a presença de temas caros para a literatura de autoria feminina brasileira contemporânea. Ao se debruçar sobre a maternidade e seus aspectos sombrios, questões presentes em produções literárias como *Dias de se fazer silêncio*, de Camila Maccari (2020), *Pequena coreografia do adeus*, de Aline Bei (2021), *Eva*, de Nara Vidal (2022), e *Mesmo rio*, de Elisama Santos (2022), tensionam, por exemplo, o silenciamento imposto pelo imaginário masculino e fazem ressoar as vozes femininas, de maneira que possam narrar suas próprias experiências demonstrando suas obscuridades e resistindo às idealizações. “Como quis ser amada por você, d. Matilde, sem fingimento, sem maiores senões. Por outro lado, não fazia sentido eu ter de adoecer para ser merecedora desse amor. Em tudo o que dizia respeito a você, havia algo de impossível.” (Maciel, 2024, p. 18).

Para além de explorar apenas o papel de mãe exercido por Matilde, Ana Luiza também detalha as características de sua progenitora enquanto mulher infeliz, imbuída de rancor consigo mesma e ressentida com as outras pessoas ao seu redor. A construção atribuída à mãe, d. Matilde, se aprofunda em questões complexas acerca do peso que a sociedade exerce sobre as mulheres, assim como pontua fatores importantes referentes à saúde mental de sua mãe, o impacto causado pelas traições do marido (seu pai) e as más condições financeiras que mitigaram sua independência pessoal e ascensão.

A narrativa tecida por Maria Esther Maciel em *Essa coisa viva* aborda o impossível da maternidade, as dores de uma mãe machucada pela vida e pelas opressões sociais,

uma mulher que maternou atravessada de e por rejeições, de ressentimento, vítima de agressões físicas e verbais, cujas marcas seguem presentes na memória de uma filha silenciada e ferida.

Com *Essa coisa viva*, Maria Esther Maciel tenciona reflexões e provocações em torno da maternidade de modo diferente a outras narrativas que romantizam e ocultam suas complexidades. Também se faz importante para dar continuidade ao processo de reivindicação das mulheres ao direito de narrar suas próprias experiências. Por fim, vale destacar a relevância do romance na medida em que denuncia como as pressões sociais impostas às mulheres e a permissividade atribuída aos homens comprometem, direcionam (e tentam moldar) a vida das mulheres e o seu direito de existir, bem como a possibilidade de viver com autonomia – aqui tendo como destaque na narrativa a maternidade –, como uma tentativa de curar-se da forma como pode, tal como enunciado na epígrafe.

Referências

- BEI, Aline. **Pequena coreografia do adeus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- MACCARI, Camila. **Dias de se fazer silêncio**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2023.
- MACIEL, Maria Esther. **Essa coisa viva**. São Paulo: Todavia, 2024.
- SANTOS, Elisama. **Mesmo rio**. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- VIDAL, Nara. **Eva**. São Paulo: Todavia, 2022.

NOTAS DE AUTORIA

Gabriel Lemos Roa (glemosroa@gmail.com) é mestrando em Estudos de Linguagens pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Possui graduação em Letras – Português e Inglês pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2024) e é especialista em psicanálise. Interessa-se e desenvolve estudos acerca da literatura de autoria feminina, psicanálise, gênero e violência.

Andre Rezende Benatti (andrebenatti@uems.br) é doutor em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018). Atualmente é professor adjunto – nível IV da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; Professor do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

ROA, Gabriel Lemos; BENATTI, Andre Rezende. Uma dor profunda demais: formas de narrar o luto, a maternidade e a identidade em *Essa coisa viva*. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-05, 2025.

Contribuição de autoria

Gabriel Lemos Roa: concepção, elaboração do manuscrito, redação e discussão dos resultados obtidos.
Andre Rezende Benatti: contribuiu com sua orientação na elaboração e redação do manuscrito, assim como na discussão dos resultados obtidos.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 08/10/2024

Revisões requeridas em: 15/11/2024

Aprovado em: 01/04/2025

Publicado em: 09/05/2025

